

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Cereja Brasileira Class.: Kulina 71

Data: 28/12/93 Pg.: 12

Funai evita falar sobre morte de índios culinas

Manaus — O administrador da Funai do Amazonas, Raimundo Catarino Cerejo, disse ontem que só irá se posicionar com relação ao resultado das investigações do Centro de Policiamento do Interior da Polícia Militar, que aponta não ter ocorrido mortes no conflito entre índios culinas e o comerciante Manuel Capivara Campeiro, depois que receber o relatório do chefe do posto da Funai em Eirunepé, Alexandre Caldeira Cardoso.

A nova versão da PM para o caso desfaz os depoimentos do índio Dsodse Culina, que afirmou ter testemunhado duas mortes. Para a PM, o caso está encerrado se a Funai não pedir novas diligências. Segundo a Polícia Militar, houve um conflito no último dia 11 na aldeia do Gaviãozinho, localizada no alto rio Juruá, município de Eirunepé. O motivo foi desentendimentos provocados por ciúmes entre duas índias. Os culinas trocaram bebidas por peixes com o comerciante, mas este não participou do conflito.

Com base na versão de Dsodse Culina, o chefe do posto da Funai Alexandre Caldeira Cardoso fez um relatório apontando 11 mortos entre velhos, jovens e crianças. O relato assinado pelo indígenista dava detalhes como as idades das vítimas e os nomes dos assassinos. Um testemunho foi

encaminhado pelo administrador Raimundo Catarino Cerejo à Funai, em Brasília, e para o Comando da Polícia Militar do Amazonas, no dia 20.

Essa é a segunda vez, depois do episódio do massacre dos ianomamis, que a Funai passa por uma situação semelhante com desencontro de informações. Para o delegado Wagner José Hernandez, houve precipitação do órgão em divulgar os números antes de uma investigação policial. Hernandez esteve com Cardoso na aldeia do Gaviãozinho na sexta-feira. O delegado disse que não encontrou nenhum dos 30 índios culinas que viviam na aldeia para reafirmar a versão de Dsodse. A região do conflito é de acesso difícil.

A assistente social, Ângela Kurovisk, missionária da Operação Anchieta, que traduziu o depoimento de Dsodse na delegacia, não quis comentar a nova versão da polícia. Ela afirmou que houve o conflito e que o motivo foi a bebedeira provocada pelo álcool, e que a polícia deve reprimir os comerciantes. O superintendente da Polícia Federal do Amazonas, Mauro Sposito, disse que aguarda ainda a posição da Funai sobre as investigações da PM. O Cimi-Norte não quis também se posicionar sobre o caso por falta de informações mais precisas.